

território **transitório**

ORG.: Mailson Vieira Oliveira; Marcos Aurélio Valder Teixeira



o projeto

Conhecendo os patrimônios históricos da Estrada Caminho do Mar a partir da perspectiva de um indígena de São Bernardo do Campo.

Território Transitório (2025) é um O projeto de pesquisa e audiovisual que produziu um registro no âmbito da história oral, focado em narrativas e conhecimentos históricos de uma notável ex-liderança indígena do município de São Bernardo do Campo: Elson da Silva. Com isso, pretendeu articular a importância de patrimônios localizados no Parque Estadual Caminho do Mar (Rota do Sal; Calçada do Lorena; Rancho da Maioridade; Pouso de Paranapiacaba e Represa Billings) à narrativa de Elson da Silva, acerca dos períodos históricos a que tais monumentos estão atrelados.

Suas entrevistas deram origem a este material impresso e a um documentário com o mesmo título.

O material impresso e audiovisual podem ser utilizados como instrumento para conhecimento da História regional e do Brasil a partir de um prisma especial e ligado aos povos originários, além de valorizar o turismo histórico.

O projeto foi contemplado pelo edital 010/2024 - Patrimônio e Memória - referente à Lei Federal nº 14.399/2022: LEI ALDIR BLANC - PNAB





Quem é Elson da Silva?	03
Quem são o Guarani Guyrapaju?	04
Patrimônios históricos do Caminho do Mar	06
Linha do tempo	08
Brasil indígena	09
Brasil Colonial	11
Brasil Imperial	13
Segundo Reinado	15
República Velha	17
Natureza: território transitório	19

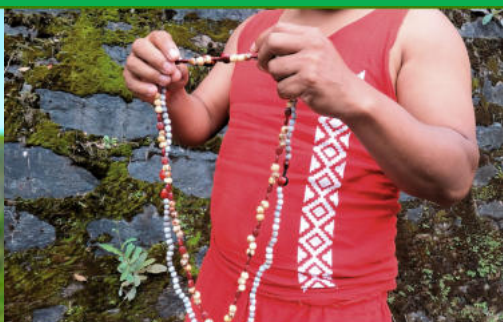
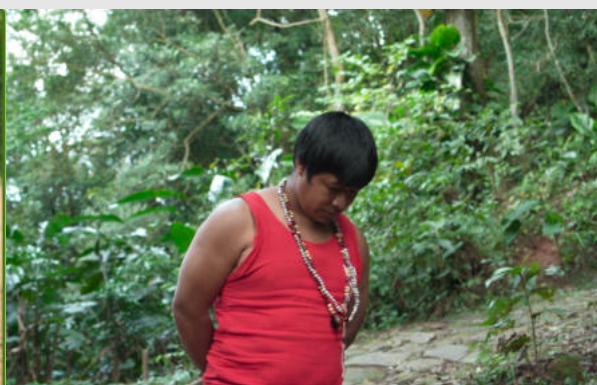
SU MÁ RIO

quem é Elson da Silva?

Ex-liderança indígena do povo Guarani Mbya. É residente e atuante na aldeia Guyrapaju, em São Bernardo do Campo - SP, onde coordena visitas turísticas guiadas e diversas atividades coletivas.

Já gerenciou setores administrativos da aldeia e é amplamente reconhecido por sua atuação pedagógica em palestras e eventos educativos na cidade. Por meio da oralidade, compartilha saberes e as lutas dos povos indígenas da região do Grande ABC.

Atuou na produção e na pesquisa do documentário *Guata Porã - Belo Caminho* (2015) e *Território Transitório* (2026).



quem são os Guarani Guyrapaju?

por Elson da Silva



““Minha aldeia Guyrapaju fica no município de São Bernardo, essa aldeia é a primeira aldeia de São Bernardo que foi reconhecida, né?

Aí depois vem a aldeia Brilho do Sol e a aldeia Nhamandumini.

E agora tem a quarta aldeia que é Pinheirotan. E a gente está em torno de...eu acho que juntando as quatro aldeias vai dar uns 200 pessoas, no total.

E na aldeia Gurapaju a gente tem 42 famílias, então em torno de 90, acho que 80 pessoas.

Então a gente, somos o povo do Guarani, dentro da aldeia a gente também não tem hora pra fazer as coisas, né?

Quem quiser fazer atividade não fica marcando hora, ou não fala qual horário que vai fazer.

Pra almoçar também a gente não tem hora, pra tomar café a gente não tem hora, a gente não se preocupa com horário. E a gente tem duas vezes por dia que é refeição.

Café da manhã é bem reforçado já, que é pra aguentar até umas três horas, quatro horas e quando for esses horários, a gente não tem hora, mas a gente sabe que esses horários a gente já quer almoçar, então já é almoço e janta esse horário que a gente faz.

Essas famílias que estão agora no Guyrapaju, vieram da aldeia do Curucutú, que é de São Paulo."



quem são os Guarani Guyrapaju?

por Elson da Silva

"Eu só sei que nessa época tinha outra liderança entre eles. E era o Marco Estupã, nome dele. Ele é vivo ainda, ele também agora já é liderança em outra aldeia que é no litoral norte, chamada Aldeia Gura Pádio, o Batuba.

Então ele, eu acho que ele que deu essa ideia para essas famílias. Porque ele era também casado com a filha da Dona Alice. A mais velha. E aí, ele chamou a família da esposa dele, da mulher dele e falou assim: 'vamos tentar fazer a aldeia.' Ou vamos se mudar um pouquinho mais para longe dessa aldeia.

Ou se mudar um pouquinho, se afastar mais um pouco dessa aldeia que a gente está, né? Vamos ficar mais tranquilos. Porque antigamente tinha bastante problema de alcoólico também dentro da aldeia. Então ele falava que nessa época tinha bastante incômodo com as pessoas que bebia, né? Então era quase todo dia, o pessoal bebendo.

E aí eles ficaram com medo de pessoas bebendo. Então eles queriam se afastar um pouco dessas pessoas, né? Então é por isso que eles atravessaram a represa.

Da represa que é de São Paulo para São Bernardo. Então eles fizeram, eles falaram que no primeiro momento não tinha barco nem nada, mas eles faziam o barco de caixote de geladeira velha, né?

Então eles falaram que atravessavam nesse caixote de geladeira velha que não afundava, que dava para fazer como barco. Então é isso, né?

Essa é a pequena história que eu tenho da aldeia do Gurapaju. Os Guarani falavam que eles sempre estavam em busca da terra sem males. Onde eles falam que tem alguns que alcançaram. Mas tem alguns que ficaram pelo caminho. Tem alguns que ficaram pelo caminho e que não conseguiam alcançar."



patrimônios históricos do caminho do mar

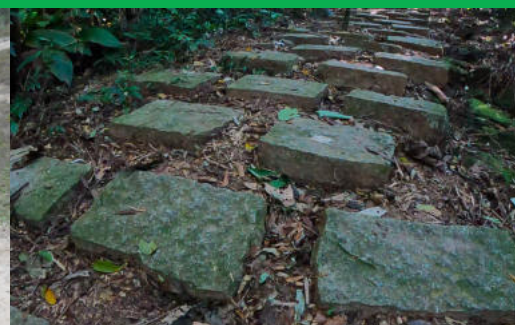
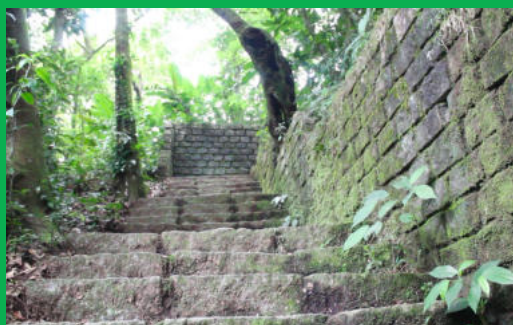
Segundo a Constituição de 1988 (art. 216) e o Decreto-Lei nº 25/1937, patrimônio histórico é todo bem, material ou imaterial, que tenha importância para a identidade, a memória e a cultura do povo brasileiro. A lei garante que esses bens sejam protegidos por meio de tombamento, registro e outras ações de preservação.



Durante o processo de ocupação portuguesa no Brasil, a rota foi criada para transportes de mercadorias pelos tropeiros, inclusive o sal, conectando áreas de extração com o porto de Santos. A rota é dividida em três partes: trecho do Zanzalá (15 km), trecho dos carvoeiros (10 km) e trecho Bento Ponteiro (25 km).



Originalmente construída em 1792 a mando do governador da Capitania de São Paulo, Bernardo José Maria de Lorena, ela é a primeira via pavimentada ligando a cidade até Santos. É considerada uma das maiores obras de engenharia da colônia. A viagem realizada por D. Pedro I, subindo a serra em direção a São Paulo para proclamar a independência, foi feita através dela.



patrimônios históricos do caminho do mar



Construído em 1922 pelo então governador Washington Luís, em comemoração ao centenário da independência, é um monumento em homenagem à Estrada da Maioridade, uma rota alternativa para a Baixada Santista, que foi construída em 1841. A construção também foi realizada para servir como ponto de descanso e abastecimento de água para os turistas.



Também inaugurado como um monumento em homenagem ao centenário da independência e como um local de descanso para os viajantes, o Pouso de Paranapiacaba é um monumento alinhado ao neocolonialismo, revaloriza a cultura luso-brasileira, reinterpreta elementos do Barroco e traz uma construção ordenada a princípios republicanos.



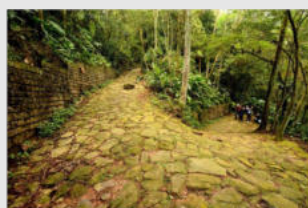
linha do tempo

Os monumentos localizados na Estrada Caminho do Mar de São Bernardo do Campo formam uma espécie de linha do tempo da história do Brasil. O local aparece como um meio que organiza, conecta e dá sentido aos acontecimentos que moldaram a História do país. Ao entrar em contato com os patrimônios históricos, nos transportamos para importantes momentos políticos, econômicos e culturais do nosso país, com a possibilidade formar uma cronologia nesse caminho. Dessa forma, o visitante pode construir e compreender melhor cada período e suas influências que reverberam no presente.



COLÔNIA

Caminho do Sal



IMPÉRIO

Calçada de Lorena



SEGUNDO REINADO

Rancho da Maioridade



REPÚBLICA

Pouso de Paranapiacaba



Brasil indígena

O Brasil pré-colonial, período anterior à chegada dos portugueses, era marcado pela diversidade cultural e pela complexidade das sociedades indígenas que habitavam o nosso território. Vivendo de forma integrada à natureza, eram predominantes aqui povos nômades e semi-sedentários, que se fixavam temporariamente nos territórios até eventualmente transitarem em busca de novos recursos, como os muitos povos do tronco Guaraní.

Esses povos desenvolviam modos de vida baseados na caça, pesca, coleta e agricultura, destacando-se o cultivo da mandioca.

As aldeias eram organizadas socialmente e politicamente, com liderança comunitária e rica produção simbólica, expressa em rituais, línguas e artefatos.



Longe de serem isolados, esses grupos mantinham redes de troca, conflitos e alianças. Esse cenário revela que o território brasileiro já possuía história e dinâmica próprias antes da colonização europeia, desafiando a ideia de “vazio civilizatório” frequentemente perpetuada pela visão da história eurocêntrica.

"O que eu sei da história é que nós não temos uma história do começo ao fim."



Brasil indígena

por Elson da Silva

"A história do Guarani acho que começou no centro da Terra, que seria o Paraguai. Lá a gente não vê assim, a gente não vê a estrada de morro ou descida, né? Então lá é mais reto, né?"

Os nossos pajés ou líder espiritual falam que começo de tudo foi lá. E aí começou a se espalhar pelo mundo, né?

Por onde eles passavam, eles colocavam o nome. Tem bastante lugar que tem nome indígena.

E nós Guarani era isso: andava um pouco, ficava um pouco aqui, plantava mandioca, plantava milho. Aí depois de um tempo, a terra já não já não era mais boa pro plantio.

Então eles tinham que procurar um outro lugar que é a terra onde nunca foi mexido para ele estar fazendo a plantação. O objetivo deles era andar bastante para alcançar essa terra sem males.



"Eles andavam em busca da terra sem males."

E a gente tem uma história que tem alguns que conseguiram, tem alguns que não conseguiram. Por isso que hoje existem várias aldeias. Onde eles passavam, colocavam nome ou onde eles deixaram rastros.

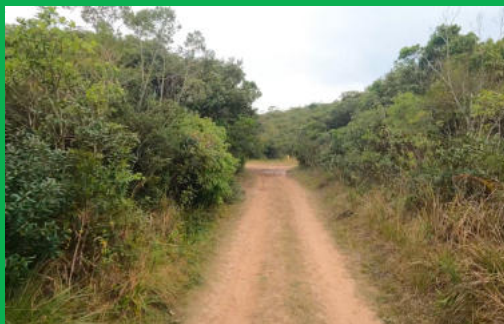
Os Guarani buscam para estar fazendo aldeia nesses lugares onde os indígenas Guarani Mbya já passaram."



Brasil Colonial

Rota do Sal

O Brasil colonial (1500-1822), foi marcado pela presença e domínio português, que estruturou a sociedade a partir da exploração econômica. Inicialmente voltada para o pau-brasil, a colônia consolidou-se com a monocultura, implementando o sistema açucareiro no Nordeste, baseado no trabalho escravizado de africanos e indígenas. Nos séculos seguintes, a descoberta do ouro e dos diamantes deslocou o centro econômico para o interior, impulsionando urbanização e maior controle da Coroa. A vida colonial era profundamente hierarquizada, com grandes proprietários rurais (formando a aristocracia) concentrando terras e poder. Conflitos, revoltas e movimentos de contestação surgiram ao longo do período, revelando tensões sociais e políticas. Esse conjunto de processos moldou o território, a cultura e as desigualdades que persistiriam após a independência em 1822.



Brasil Colonial

Rota do Sal

por Elson da Silva

"Tem indígenas Guarani que quando viram pela primeira vez o Juruá, que a gente fala, eles chamavam de Juruá, que pra nós seria o não indígena e barbudo.

Então o Juruá chegou e ofereceu alguma coisa de alimentos que eles traziam para os indígenas.

E também eles procuravam alguma coisa, acho que de valor, né?

Na primeira chegada, acho que tinha vários lugares, tinha onde procurar o ouro, essas coisas...fazer mineração.

Tinha também o pau-brasil, era uma árvore muito importante. Era não, é importante até hoje.

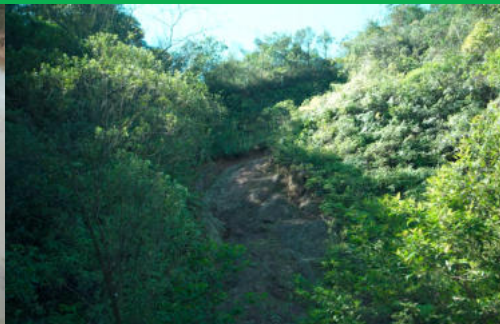
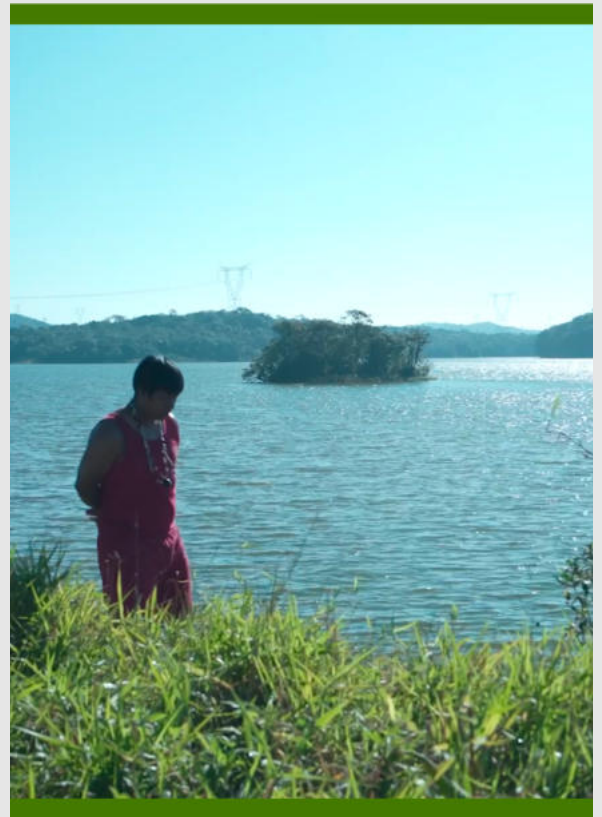
Acho que chamou a atenção deles, por causa da riqueza que tem, por causa do ouro que eles poderiam estar procurando, procurando alguma coisa nova.

Estar fazendo, acho que é colonial, não sei como que o pessoal fala, onde eles podiam estar fazendo a cidade nova.

A gente está no caminho da Rota do Sal, que foi feito, mais ou menos, quatrocentos anos atrás pelos portugueses. E eles limpavam essas áreas pra estar fazendo esse caminho. Tirar alguns indígenas do caminho e faziam esse caminho.

Tinham alguns indígenas contra e tinham alguns indígenas à favor. Porque eles achavam que ia ser muito bom fazer parceria junto com eles. "

"Eles usavam esse caminho para transportar os produtos, pra ganhar muito dinheiro através desses produtos que eles carregavam."

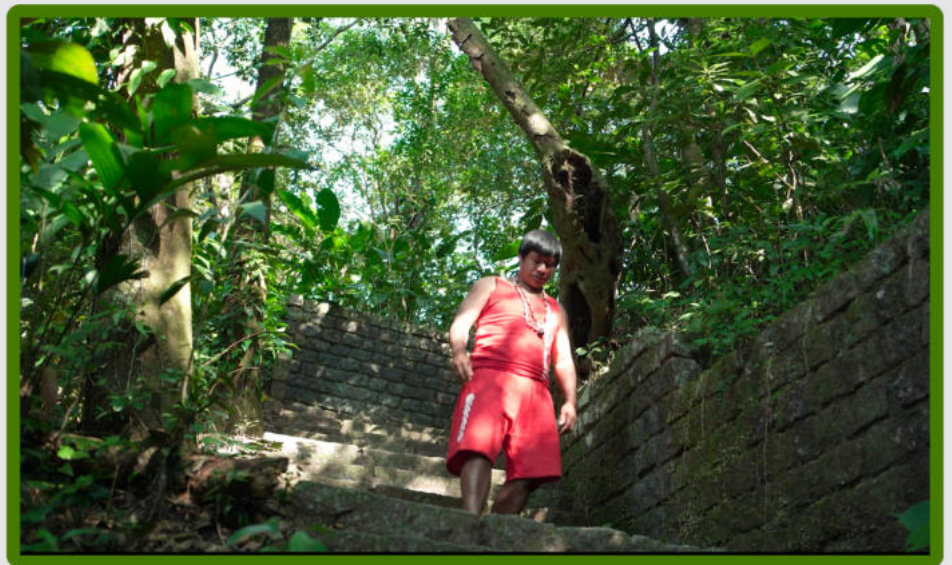


Brasil Imperial

Calçada do Lorena

O Primeiro Reinado (1822–1831) foi marcado pela consolidação da independência e pela tentativa de organizar o novo Estado brasileiro sob o comando de D. Pedro I. Nesse período, buscou-se estruturar instituições políticas, aprovar a Constituição de 1824 e enfrentar tensões internas, como, por exemplo, a Confederação do Equador. A economia ainda dependia do trabalho escravo e das exportações agrícolas, enquanto o país lidava com disputas regionais e dificuldades financeiras. A postura autoritária do imperador, também devido ao poder Moderador, somada à crise política e ao desgaste popular, levou à sua abdicação em 1831, abrindo caminho para o conturbado período regencial (1831-1840).

"Essa calçada é importante porque o príncipe fez a passagem, subindo de mula até São Paulo onde recebeu carta do rei, o pai dele, e separou o Brasil de Portugal."



Brasil Imperial

Calçada do Lorena

por Elson da Silva

“A gente tá no lugar chamado Calçada do Lorena, onde foi feito a passagem, né, pro pessoal carregar as coisas e cortar o caminho para subida da serra.

Onde foi feito pelos indígenas, pode ser negro também. Na época da escravidão, que eles carregavam pedras para ir tá fazendo as escadinhas da subida.

Essa calçada é importante porque na história porque o príncipe que era o Dom Pedro I, fez a passagem, ele subiu de mula até São Paulo onde ele recebeu a carta do rei, que é o pai dele, e separou Portugal do Brasil.

O Brasil se tornou um país só, ficou autonomia muito grande para eles. Para eles estarem dominando o Brasil.

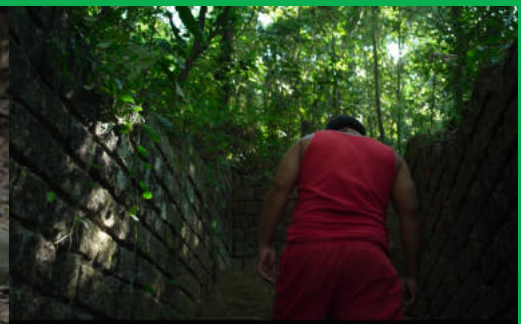
Na mudança da independência, acho que muda muita coisa. Nessa época não estava muito dependendo mais desse rei fora do Brasil.

Eu acho que o rei é para ser cacique da aldeia, para ser cacique de todo mundo.

O cacique para nós, ele pode decidir por ele. Cacique pode decidir por ele e pode decidir pela maioria.”



**“Eu acho que o rei é
para ser cacique da
aldeia, pra ser cacique
de todo mundo.”**



Segundo Reinado

Rancho da Maioridade

O Segundo Reinado (1840–1889) marcou um período de estabilidade política e crescimento no Brasil sob o governo de Dom Pedro II. Com a antecipação da maioridade do imperador, consolidou-se uma monarquia "moderada", apoiada por alianças entre liberais e conservadores. O país vivenciou avanços econômicos impulsionados pelo café e pela modernização de infraestrutura, como ferrovias e telégrafos. No campo social, ampliaram-se debates sobre cidadania e liberdade, culminando na abolição da escravidão em 1888. Apesar dos progressos, o regime enfrentou crises militares e políticas que enfraqueceram pouco a pouco a monarquia. Em 1889, um golpe liderado pelo Exército proclamou a República, encerrando quase meio século do reinado de Pedro II.

"Acho que eu gostaria de criar um monumento de histórico, né, de história.

Então, eu criaria um uma estátua de uma pessoa que foi líder espiritual muito forte e que foi bem conhecido pelos indígenas de todas as aldeias, né?

Pode ser de São Paulo, pode ser de Espírito Santo, pode ser de Paraná, do litoral, que todo mundo conhecia e que ele já não tá mais aqui.

O nome dele é José Fernandes. Na nossa cultura, o herói seria aquele que é líder espiritual.

Agora, coisa de guerra, coisa de conflito, essas coisas a gente não tem.

Politicagem para mim é muito sujo, né?"



Segundo Reinado Rancho da Maioridade

por Elson da Silva

“Aqui no Brasil teve dois reis. Primeiro foi o príncipe, que seria o Dom Pedro I. Primeiro momento ele na chegada dele foi o príncipe, e aí depois ele dividiu Portugal com o Brasil. E aí ele se tornou rei.

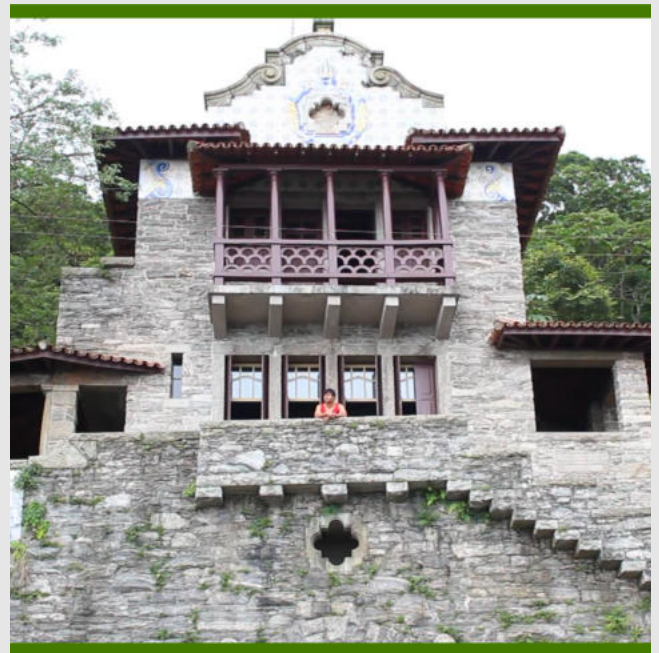
Aí depois o filho dele se tornou rei também, porque o pai dele deixou ele aqui no Brasil e depois não voltou mais. Então depois ele se tornou rei também. Então teve dois reis aqui no Brasil.

Na nossa cultura Guarani, a partir dos 12 anos se torna de criança para adolescente. A partir de 18 anos é de adolescente para adulto. Dom Pedro II se tornou a partir de 14 anos, quando ele foi nomeado pelo pessoal, né? E por isso que foi chamado o golpe da maioridade, porque o pessoal não respeitou a idade necessária para chegar para ele ser rei.

Então, a partir de 14 anos, ele foi nomeado como rei e aí se tornou golpe da maioridade. Quando ele se tornou rei, ele começou a trazer pessoas, né de outros países chamar atenção também, né, do Brasil.

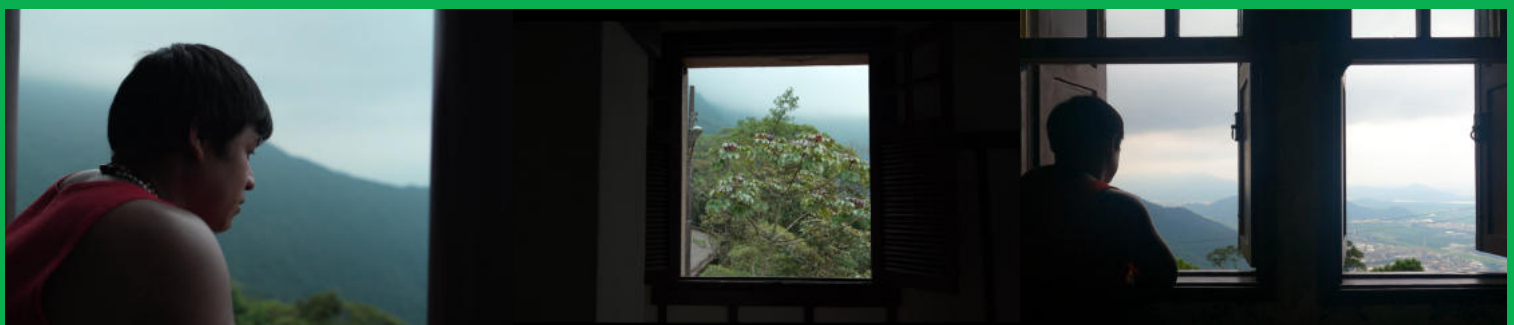
Nessa época acho que ele conseguiu chamar mais atenção e trazer mais pessoa que que pode podia se aliar a ele também.

Porque eles não falavam a língua, falavam a língua própria. E que tinham a própria cultura deles que eles não entendiam. Então acho que eles não eram considerados ser humano.



Se o indígena tivesse total autonomia de dominar o Brasil, acho que o país seria diferente. O importante de tudo seria o respeito com os seus próximos, famílias, todo mundo tendo respeito, acho que mudaria o país.”

“Os indígenas e os negros nessa época eu acho que não eram considerados ser humano, né?”



República Velha Pouso de Paranapiacaba

A Primeira República (1889–1930), também chamada de República Velha, marcou a consolidação do regime republicano no Brasil após a queda da monarquia e um curto período de tempo da presença de militares no poder (República da Espada). Foi um período dominado pelas oligarquias rurais e o predomínio no poder de São Paulo e Minas Gerais, na chamada “política do café com leite”. A economia era fundamentada na exportação de café, enquanto a sociedade permanecia profundamente desigual, com pouca participação popular na política. O voto era restrito e alvo de fraudes (o voto de cabresto). Movimentos como a Revolta da Armada, a Guerra de Canudos e a Revolta Paulista de 1924 revelaram tensões sociais e regionais. O período terminou com a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder e encerrou a hegemonia oligárquica.



"Quem mandou construir essa casa foi o Washington Luís, presidente do Brasil. E aí ele mandou construir essa casa, chamada Paranapiacaba, que tem algumas palavrinhas no meio que seria Guarani. Pode ser um pouco misturado, pode ser tupi também, mas tem uma palavra em Guarani, que é "pará". Pará pra nós em Guarani seria o mar, de onde a gente pode estar vendo o mar."



República Velha Pouso de Paranapiacaba

por Elson da Silva

"E também esse presidente do Brasil era um homem muito rico, que era o homem empresário que mexia com esse negócio do Café.

A função dessa casa seria o pouso, né. O pessoal vinha de carro, abastecia o carro, o radiador do carro com a água. Enchia a garrafa de água.

E era o repouso para o pessoal que vinha da Baixada para descansar um pouco também e aí depois seguia o seu destino que é a subida.

É uma estrutura que representa também o Portugal, que tem os desenhos na parede, tem as janelas, um pouco diferente, representando o país que é Portugal.

E também tem uma das paredes que tem até o mapa dessa região de São Bernardo e um pouco mais desse território.

Opy é uma casa de reza que a gente tem dentro da aldeia, onde a gente faz tudo. A gente faz encontro de caciques, de lideranças, a gente leva as pessoas doentes nessa casa para benzer.

E aí se eu tivesse poder, eu mandaria fazer esse espaço.



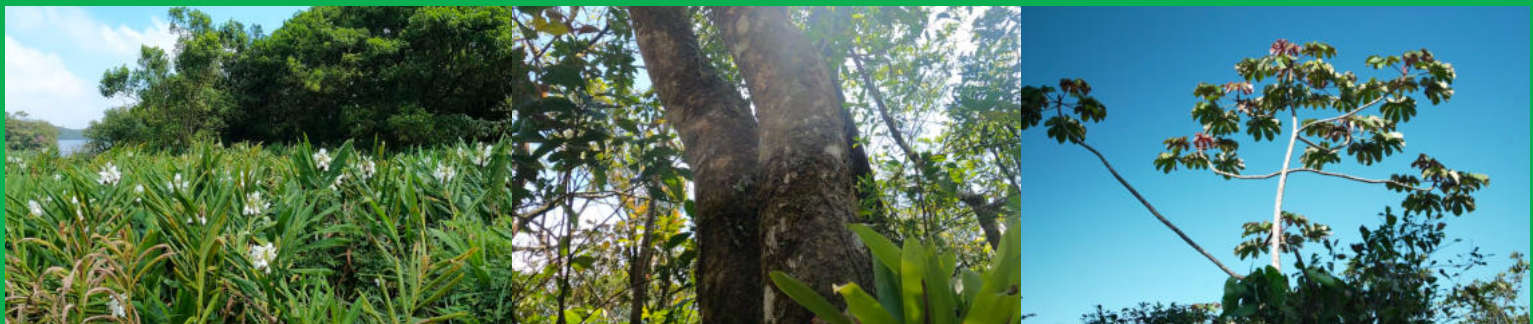
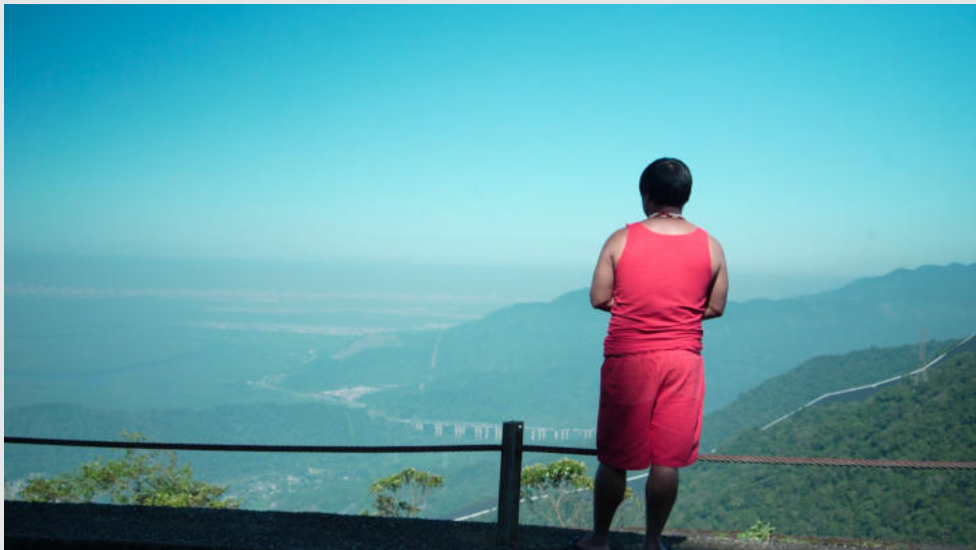
Falta colocar alguma coisa nesse espaço que seria um casarão que a gente chama 'opy' ou 'ongusu'.



Natureza território transitório

De acordo com o geógrafo Milton Santos (1982), “tudo o que existe articula o presente e o passado pelo fato de sua própria existência. Para compreender qualquer situação, necessitamos de um enfoque espaço-temporal.” Assim, território, natureza, pessoas, culturas, economia se atravessam e se articulam. Essa perspectiva nos convida entender a História como uma teia composta por camadas vivas que se afetam mutuamente e continuamente. Nesse sentido, Leda Maria (2021) reforça, “o tempo espiralar é o único tipo de tempo capaz de conter os que já foram, os que ainda estão aqui e os que estão por vir. Todos coexistem nesse vértice que gira continuamente e pode ser acessado por cada um de nós”.

Essa perspectiva, além de poética contempla parte da cosmovisão indígena e se conecta às últimas reflexões de Elson. A natureza vista como um monumento, pois carrega em si uma história tão profunda quanto qualquer construção humana. Cada árvore centenária, cada formação rochosa e cada curso de água guarda marcas do tempo, testemunhando eras geológicas, mudanças climáticas e a presença de diferentes povos, intervenções naturais e antrópicas. Tal qual um monumento arquitetônico, a natureza é um símbolo de memória coletiva e identidade cultural, revelando modos de vida, crenças e relações estabelecidas entre sociedades e o ambiente ao longo do tempo. Além disso, a preservação da natureza funciona como uma forma de homenagem às gerações passadas, que aprenderam, naturalmente, a conviver e a sobreviver em harmonia com esses espaços.



Natureza território transitório

por Elson da Silva

"A floresta protege dos ventos, do clima e é importante também para os animais.

Sem floresta a gente não acho que conseguiria viver.

Primeiro momento eu colocava a floresta o mais importante.

Coloco em primeiro lugar uma floresta."



"A natureza é um monumento, um monumento transitório."

BIBLIOGRAFIA:

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo-espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes históricos do ABC paulista; 1550-1892. São Bernardo do Campo: SECE, 1992.